

ENTRE LETRAS, IMAGENS E SONS: AS MULHERES E A PRODUÇÃO DA CULTURA

Carla Cristina Garcia

Toda pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam. Todos têm direito à proteção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Se examinarmos as listas de clássicos da literatura, das coleções de pinturas e escultura dos museus e das partituras que as grandes orquestras interpretam, a escassez de obras de autoria feminina poderia nos levar a conclusão de que, com efeito, a cultura e a arte são feitas por homens. Tal escassez tem múltiplas causas que poderiam ser resumidas ao fato de que, ao longo da história, as mulheres se depararam com diversos tipos de obstáculos para se tornarem artistas: para criarem, difundirem suas obras e para deixarem sua marca na história das artes. Como em outros âmbitos da vida social, a presença das mulheres no campo da produção da cultura revela a mesma condição de invisibilidade que em outros campos da vida pública.

Essa situação apresenta consequências específicas que merecem um exame adequado. Começando pelos números. Ainda hoje, apesar dos avanços obtidos com a crítica feminista e das várias manifestações levadas a cabo por coletivos de mulheres artistas feministas¹, o número de artistas mulheres nas coleções e nos acervos de museus de arte continua sendo tremendamente inferior ao de artistas homens. Uma recente pesquisa realizada pela ArtNews demonstrou que menos de 30% das exposições individuais nos principais museus dos Estados Unidos são de obras de mulheres artistas e apenas três em cada dez artistas representados em galerias comerciais dos Estados Unidos são mulheres.² Olhando os números latino-americanos, constata-se que a situação é a mesma: apenas 20% do acervo do MASP em São Paulo e do MALBA em Buenos Aires são compostos de obras de mulheres artistas, para ficarmos em apenas dois exemplos.³

1 Um exemplo desse tipo de iniciativa é o protagonizado pelas Guerrillas Girls, um coletivo de artistas feministas criado em Nova York em 1985 com a intenção de denunciar a exclusão das mulheres do mundo das artes e, ao mesmo tempo, promover sua presença.

2 Disponível em: <<http://www.artnews.com/2015/05/26/taking-the-measure-of-sexism-facts-figures-and-fixes/>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

3 Disponível em: <<http://www.select.art.br/edicao/select-no-28/>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

A questão aqui não são apenas os números, mas a falta de referências femininas nas artes em todas as manifestações que eles produzem. Para Victoria Sau, as marcas da cultura dadas apenas por categorias exclusivamente masculinas fazem com que pareça que a cada nova geração as mulheres estivessem despertando de um sonho e percebessem que, enquanto dormiam, os homens tivessem feito tudo (SAU, 1990).

Desse modo, pode-se afirmar que o androcentrismo não é exclusivamente quantitativo. Não se trata apenas de invisibilizar as mulheres e suas contribuições à cultura, de reduzi-las ao esquecimento ou ao silêncio. O verdadeiro problema é que se delinea desse modo a dimensão simbólica da desigualdade que acaba por construir uma narrativa em que tudo aquilo que é considerado relevante, universal e de destaque são as obras masculinas.

Não há igualdade sem condições materiais que a torne possível e sem uma narrativa simbólica que a legitime. Para Fraser (1997), se as mulheres enfrentam três dimensões principais da desigualdade – redistribuição, representação e reconhecimento –, a terceira é, talvez, a mais naturalizada e estrutural, a mais invisível e pertinaz. Para essa autora, trata-se de um tipo de injustiça que se traduz em ter que viver e criar sob os padrões culturais que não são próprios e que podem chegar a ser hostis nas representações interpretativas: aparecer de maneira estereotipada ou ser diretamente caluniada ou menosprezada. Características essa todas presentes na cultura dominante no contexto ocidental durante séculos e que conformaram o imaginário coletivo. Uma cultura protagonizada quase exclusivamente por homens, com altas doses de misoginia e representativa de um universo de valores e crenças androcêntricas.

Para mudar esse estado de coisas, é preciso tornar visível o trabalho feminino na cultura, torná-lo presente, construir memórias e genealogias que ampliem os conteúdos culturais, abram novos horizontes, novas palavras e outros significados para que as artes reflitam as contribuições, propostas e desejos não só dos homens, mas também das mulheres. Para Telles (2016), o desenvolvimento das reflexões feministas das últimas décadas tornou possível novas aproximações teóricas e metodológicas sobre a produção artística

Estas reflexões, no entanto, não dizem respeito somente às mulheres, pois abrangem noções centrais nos campos de estudo assim como questões de desigualdades na sociedade e a construção das subjetividades. [...]. Constatou-se então que a luta para pertencer aos cânones oficiais das artes não era desejável e que a questão para os marginalizados não é a substituição de quem o que está nos cânones, no caso a autoridade do homem branco, mas a mudança de paradigmas. (TELLES, 2016)

É preciso, pois, desenvolver projetos que possam denunciar a profunda desigualdade que reina no mundo da produção cultural. Sabemos que uma cultura – científica e artística – criada principalmente por homens produz conteúdos que reforçam o protagonismo masculino ao apresentar o homem como sujeito e sua experiência como universal e a mulher como objeto, musa ou ausente da produção artística e cujas experiências geram menos interesse.

Contra esse estado de coisas é necessário ampliar as propostas de atuações nas políticas de igualdade, bem como levar a cabo – por meio de investigações e pesquisas – a recuperação da história das mulheres e tecer, assim, uma genealogia que nos devolva a memória e as contribuições femininas que nos precederam, permitindo-nos compreender que somos devedoras de seu legado e que fazemos parte dessa longuíssima saga de mulheres artistas que vai muito além de nós mesmas para desse modo dotar as artes de referentes femininos.

Muitas são as iniciativas destinadas a reparar o *deficit* de reconhecimento da produção das mulheres nas artes e na cultura e aquelas estão sendo feitas por vários grupos de mulheres artistas de toda natureza: apresentações escritas não sexistas, exposições de artistas locais, concursos, programações culturais com perspectiva de gênero, artigos e publicações específicas, como este dossiê que ora apresentamos com o intuito de contribuir para esse rico e intenso debate.

REFERÊNCIAS

FRASER, Nancy. *Iustitia Interrupta*: reflexiones críticas desde la posición post-socialista. Bogotá Siglo del Hombre Editores, 1997.

SAU, Victoria. Elementos para una educación no sexista. Feminario de Alicante. Disponível em: <http://oficinaigualtat.uib.cat/digitalAssets/297/297598_elementos-edu-no-sexista-pdf.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016.

TELLES, Norma. Apresentação. Cartografias e rupturas: mulheres na arte. In: *Labrys, Estudos Feministas*. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys29/sumarios/arte.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2016.